

A ESCOLA DE ARTE DO BOI CAPRICHOSO: CENÁRIO DA CULTURA INFANTIL NO UNIVERSO AMAZÔNICO

Boi Caprichoso arts school: scene of childhood culture in the Amazon universe region

Renner Douglas Gonçalves Dutra¹
Evelyn Lauria Noronha²

Resumo: O presente artigo discute a relação das crianças com a cultura. Tem por objetivo apresentar de forma articulada as crianças na infância como produtoras de cultura no brincar-trabalhar nas oficinas de percussão na Escola de Arte do Boi Caprichoso. Esse processo parte do barulhar – percussão – como entendimento de sua vivência, expressão de sua identidade com liberdade e, finalmente, com alteridade cria cultura. Para compreensão dessa problemática, buscou-se na sociologia da infância (SARMENTO, 2007; CARVALHO, 2009 e NORONHA, 2010) os seus fundamentos para a afirmação da criança como produtora de cultura, quanto à musicalidade os teóricos (LINO, 2010 e FREITAS, 2008) ajudam a compreender essa expressão como resultada da vivência humana. A pesquisa é qualitativa etnográfica, usando a técnica da observação participante e da entrevista semiestruturada. Os resultados apresentados foram as das reações de autonomia das crianças em relação aos adultos, a forma como elas compreendem a atividade, como garantia de realização enquanto pessoa.

Palavras-Chave: Crianças. Infância. Barulhar. Brincar. Cultura Infantil.

Abstract: This present article discusses the relationship of children with culture. Aiming to articulately present children in childhood as producers of culture in their play-work in the percussion workshop at Caprichoso Arts School. This process comes from their making-noise -percussion– to understand their living which express their identity and their freedom and finally, also to create culture. To understand this problem, we researched their base in the childhood sociology (SARMENTO, 2007; CARVALHO .2009 and NORONHA, 2010) to affirm children as cultural producers, about the musicality, the theorist (LINO, 2010 and FREITAS, 2008) aid at understanding this expression resulting from human living. The research is qualitative-ethnographic, using participant observation and semi-structured interview .The results presented here were of autonomy of the children from adults, the way how they understand the activity, as a guarantee of realization as a person.

Keywords: Children. Childhood. Making-noise. Play. Children's Education.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia. Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. rennergoncalvesdutra@hotmail.com.

² Dra. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia. Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. evelynlaurianoronha@hotmail.com.

Introdução

*“Desde criança eu brinco boi
No Caprichoso
Eu sou Azul
Amo este boi vitorioso”.*
(CÉZAR MORAES, 2010)

O presente texto discute as relações que as crianças estabelecem entre si através do brincar-trabalhar nas oficinas de percussão, como representação de seu mundo real. Inspirada na metodologia da pesquisa etnográfica, este estudo é fruto de observações feitas a um grupo de crianças que participam das oficinas de percussão realizadas na Escola de Arte Irmão Miguel de Pascale, da Fundação Associação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso em Parintins- AM. A nossa intenção foi conhecer e interpretar a percussão como produto de cultura das crianças que participam das referidas oficinas.

Estudos contemporâneos têm constituídos produções transdisciplinares acerca da infância e de suas diferentes manifestações, voltando-se para a observação das crianças, sua forma de sociabilidade e criação de sua cultura ao mesmo tempo mantém uma alteridade com a cultura adulta.

Percebe-se que a pesquisa com crianças, neste período que se constitui como objeto de estudo, tem exigido de quem pretende realizá-la uma grande arte de criar, porque não se encontra como objeto circunscrito em determinada área de conhecimento, mas busca compreendê-las e construí-las nas representações feitas pelas próprias crianças.

Significa realizar de forma livre e improvisada, conduzindo-se pelo lúdico como intuição poética do ser criança na pluralidade da infância, que na informalidade é capaz de expressar de forma simples o seu sentimento de beleza, bem como pertença e ressignificação do mundo do adulto. Assim, segundo Lino (2010), investigar música (ritmo) produzida pelas crianças requer escutar sensivelmente a complexidade e a pluralidade envolvida na infância como construção social, as crianças como atores plurais e a música como uma linguagem heterofônica.

Desta forma, busca-se compreender esse processo e fundamentados no campo da sociologia da infância (SARMENTO, 2007; CARVALHO, 2009; NORONHA, 2010), que afirmam a autonomia conceitual das crianças e da infância na produção de cultura própria e digna de ser estudada, pois apresentam relações sociais constitutivas próprias. Apresentam notoriedade de estudo, pois suas vozes revelam não um futuro a ser construído, mas um presente se realizando. A criança não é um ser em miniatura do adulto, mas um ser completo no estágio que se encontra, na leitura que faz do mundo e no brincando-trabalhando que o faz ser social.

Ao relacionar a temática da música e da percussão (LINO, 2010; FREITAS, 2008;) com a criança, buscou-se fundamento para compreender como o “barulhar” entendido como musicalidade pode fazer as crianças expressarem a sua pertença a um grupo social que se afirma com autonomia. Não podemos esquecer que esta pertença produz cultura com seus pares e com alteridade em relação aos adultos. É dessa forma, que se passa a refletir sobre as vivências partilhadas com as crianças

durante as oficinas de percussão na Escola de Arte. Uma Escolinha, escutando as vozes das crianças, para construir cidadania.

A Escola de Arte e sua história.

Segundo Nakanome (2011, p.76) as origens da Escolinha do Caprichoso encontram-se no Projeto “Caprichoso na Rua” que objetivava atender crianças e adolescentes carentes da cidade de Parintins, oferecendo atividades recreativas, sociais e culturais às crianças o ano todo. O projeto experimental envolvia 50 crianças. A proposta amadureceu dando origem à Fundação Boi Bumbá Caprichoso - Escola de Arte Irmão Miguel de Pascale.

A data oficial da instalação da referida Escola, deu-se em 09 de abril de 1997. Está localizada à Boulevard 14 de Maio – Centro, em Parintins/AM. Criada na gestão do Presidente Joilto Azedo, sob a coordenação da Sra. Graça Assayag e do Sr. Fernando Silva.

Em 1998, a procura por vagas foi grande e a Associação firmou parcerias, melhorando e ampliando as estruturas, possibilitando um maior número de atendimento, chegando a favorecer 200 (duzentas) crianças e adolescentes, através das oficinas de: dança, percussão, flauta, teatro, violão, teclado, canto, escultura em barro, tecelagem e trançado em palha. Na época, os então monitores, hoje chamados de artistas educadores, deram grande contribuição para que a escolinha ganhasse notoriedade, entre estes, Hilace Mendes, Irian Butel, Sílvio Camaleão, Mauro Mendes, Jair de Almeida, Marcos Falcão e outros.

Em 2001, foi implantado na Escola o Programa AABB-COMUNIDADE da Fundação Banco do Brasil, o qual permanece até hoje.

A dificuldade em manter o projeto fez a Fundação recuar e, em 2004, reduziu o número de crianças atendidas. No ano seguinte, em 2005, a Escola funcionou em estado precaríssimo devido, principalmente, à falta de recursos. Porém, no final do mesmo ano, é eleita uma nova diretoria para a Associação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso, tendo como presidente o Sr. Carmona de Oliveira e, assumindo, a gestão da Fundação, a Sra. Izabel Porto. Os novos administradores buscaram reanimar os projetos existentes e criar novos que pudessem responder as novas exigências proposta pela comunidade parintinense. Encontrou no Governo do Estado um grande parceiro através do projeto “Resgate Cultural e Cidadania.” Outros convênios foram firmados com a Empresa Petrobrás e a Natura Ekos.

Em 2010, foi eleita presidente do Boi Caprichoso a Sra. Márcia Auxiliadora Cardoso Baranda que buscando melhorar as atividades sócio-educativas começou o projeto de mudança das instalações físicas da Escola. A mesma foi instalada no espaço ao lado do Curral Zeca Xibelão onde funcionava a antiga Sede Social do Boi e foi entregue a comunidade no dia oito de março de 2013.

A Escola, atualmente, atende cerca de 700 crianças, com mais de 30 oficinas em funcionamento, entre as quais se destacam as: de música, de dança, de pintura, de desenho, de cartonagem, de artesanatos, de informática e as de teçume em vime. Foi nessa Escola e nas observações durante as oficinas de música- percussão, que se buscou compreender: Como as crianças se compreendem enquanto crianças? Como o ritmo percussão e a participação no Grupo Marujadinha constituem um repertório de produção cultural próprio da infância?

O campo de pesquisa como cenário da cultura infantil: uma nova compreensão para a construção de cidadania.

“quando eu bato me sinto muito feliz. O barulho me alegra”³

Esta afirmativa foi feita por uma criança participante da Oficina de Percussão na Escola de Arte Ir. Miguel de Pascale da Associação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso. Ela expressa seu sentimento de pertença a um grupo social com identidade própria. Neste contexto é que queremos compreender a criança e a infância. E como o estilo musical – percussão e a pertença ao grupo rítmico podem suscitar nas crianças produção de cultura.

Nesse sentido, ao fazer uma retrospectiva histórica da existência da imagem da criança na sociedade ocidental, percebe-se uma quase ausência da temática e, quando esta aparece, manifesta-se como memória infiel, com características de adulto e como continuadora dos bens e da tradição. No dizer de Philippe Ariès (apud SARMENTO, 2007), há uma inexistência do sentimento de infância na história da cultura ocidental. Esta exclusão temática manifesta o lugar que a criança ocupava, ou seja, a de esquecimento.

Com a chegada da modernidade e, mais precisamente com o movimento iluminista, que coloca o homem como sujeito de direito, vem a lume a temática da criança e da infância. Pode-se dizer que tal temática é filha da modernidade. A noção de criança e infância perpassa pela forma como se compreende o processo do conhecimento e de igual forma a constituição do estado.

Para Hobbes (1588 - 1679) a criança é eminentemente má, precisa ser controlada rigorosamente para evitar o transtorno individual. A criança e a sociedade em geral não são detentores de direito. Assim, também deve ser dirigida à sociedade para evitar a anarquia social, pois como bem definiu Hobbes, o homem (criança) é o lobo do outro homem (NORONHA, 2010).

Outra visão significativa, para o entendimento do conceito de criança foi explicitada por Rousseau (1712 - 1778) de forma magistral, em sua obra Emílio, partindo da afirmativa romântica de que o homem (criança) é bom (a) a sociedade que o corrompe. Nesta perspectiva, a infância é tida como fase da inocência (SARMENTO 2007).

Como diferencial as ideias anteriormente expostas e, de certa forma buscando uma síntese para a contraditoriedade proposta, surge o filósofo John Locke, (1632 - 1704) estabelecendo que o princípio da aprendizagem não se define pela natureza – boa ou má – mas por aquisição percebida pela razão, num processo de experiência causada pelas sensações. Desta forma, ele concebe a criança como uma tábula rasa, receptáculo aberto para a aprendizagem. A criança é um ser futurístico e na medida em que vai obtendo razão e experiência, vai se realizando como ser perfeito - adulez (NORONHA, 2010).

Na contemporaneidade, outras formas de compreensão apresentam-se com destaque. Para Piaget (1896 - 1980), partindo do princípio que: “as crianças são

³ Os destaques que surgirão ao longo do texto são as diversas vozes das crianças que inspiram as reflexões. Elas foram coletadas durante as observações nas oficinas de percussão na Escola de Arte Irmão Miguel de Pascale. As crianças estão na faixa etária de 9 a 14 anos.

seres naturais, antes de serem seres sociais, e a natureza infantil sofre um processo de maturação que se desenvolve por estágio” (apud SARMENTO, 2007, p.32). Nessa perspectiva, a criança é considerada naturalmente desenvolvida. Através da psicologia do desenvolvimento, foram acrescentadas muitas contribuições para o entendimento e compreensão da infância e o processo de aprendizagem da criança. Todavia, não faltou de dentro da própria escola questionamentos sobre as características natural, biológica, universal, sociológica e positivista da corrente hegemônica da psicologia do desenvolvimento. Tais questões foram levantadas por Vygotsky (1898 – 1934) através do seu construtivismo social (SARMENTO, 2007).

Após a psicologia do desenvolvimento, destacamos à concepção da criança pelo viés da psicanálise, tendo como representação de destaque Freud (1856 – 1939), que atribui ao inconsciente o desenvolvimento do comportamento humano, com incidência no conflito relacional na idade infantil, especialmente na relação com as figuras paterna e materna (NORONHA, 2010).

O imaginário da criança é entendido na concepção freudiana como expressão do princípio do desejo sobre a realidade, uma expressão simbólica do inconsciente. Para a visão piagetiana, o simbólico é a expressão do pensamento autístico da criança, progressivamente eliminado pelo processo de desenvolvimento e construção do pensamento racional. A criança é vista como preditor do adulto (SARMENTO, 2007).

Finalmente, percebe-se que as várias concepções se sobrepõem e se confundem no mesmo plano de interpretação do mundo das crianças, na prescrição de seu comportamento e atuação. Faz-se necessário, pois, uma postura de (re)significação para abandonar os estereótipos estabelecidos para poder compreender o ser criança na infância.

Todo o percurso teórico do conceito de criança e infância acima exposto, desenvolveu-se dentro de um sistema econômico que visa o acúmulo de bens na iniciativa privada. O chamado capitalismo. Tal sistema econômico fundamenta-se na concepção filosófica chamada liberalismo e, atualmente, visto sofrer diversas adequações para responder às novas exigências propostas pelo mercado e pelas relações sociais, recebe o nome de neoliberalismo. Esta nova ordem estabelecida gera a globalização.

Este fenômeno, a globalização, é causador da exclusão social: marginaliza ou põe à margem todos os que não podem produzir para o mercado, criando assim, uma massa de empobrecidos. Como na sociedade, as crianças são consideradas a partir de suas famílias e sendo estas pobres, estão também no processo de exclusão e automaticamente fora de qualquer significação.

Considerando as consequências causadas por esse processo e a fim de salvaguardar os direitos das crianças contra essa avalanche inumana, fez-se um grande esforço para estabelecer direitos às crianças. Foi assim que em 1989 a Assembleia Geral das Nações Unidas adota a Convenção dos Direitos das Crianças, buscando perceber as crianças como atores sociais, produtores de cultura e sujeito de autonomia. Assim, é consagrado o direito substancial à proteção, à provisão e à participação. Desta legislação geral, decorreram muitas outras que os países signatários aplicaram em seus territórios (SARMENTO, 2007).

Mesmo sendo o período em que mais as crianças ganharam proteção, estatuto jurídico e reconhecimento, porém é marcadamente forte a sua invisibilidade social. O

paradoxo que se apresenta é a falta de alteridade com a criança, a exploração sexual, a negação a participação e a construção de autonomia. Como podemos perceber, sem uma reflexão comprometida com as crianças e questionadora da ordem econômica – social, jamais reverteremos à ordem estabelecida. Esta reflexão deve considerar principalmente as grandes massas populares de crianças pobres.

Ritmo como explicitação da identidade do ser criança: expressão imaginária de liberdade

“eu batuco em qualquer lugar. Quando não tenho o que bater a minha boca faz o barulho. Eu quero saber direitinho tudo para participar da Marujadinha”⁴

A afirmativa manifestada na voz da criança indica a ideia que a mesma tem de sua atividade musical a qual se expressa de forma sonora e espontânea no barulho, como participante de uma realidade que vai se exteriorizando e sendo partilhada com os pares.

Para a criança, não existe tempo institucionalizado para fazer isto ou aquilo. Toda ação encontra-se no tempo livre de seu querer baseado na sua imaginação. Segundo Sarmiento (2002, p.03).

O imaginário infantil é inerente ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança concreta, mas isso acontece no contexto social e cultural que fornece as condições e as possibilidades desse processo. As condições sociais e culturais são heterogêneas, mas incidem perante uma condição infantil comum: a de uma geração desprovida de condições autônomas de sobrevivência e de crescimento e que está sobre o controle da geração adulta. A condição comum da infância tem a sua dimensão simbólica nas culturas da infância.

O tempo livre ou tempo da imaginação é o momento de a criança (res)significar o seu modo de perceber o mundo. Pode-se afirmar que o tempo acusticamente identificado no barulhar é o tempo da vivência sem hierarquia, o temporalizador de um movimento que, como o mar, está sempre mudando, mas, ao mesmo tempo, está sempre igual (KOELLREUTER, 2000, apud LINO 2010, p. 99). Assim, o tempo do barulhar incide no corporal de um movimento real ou ficcional, onde as crianças vivenciam o processo de estranhamento, investigação e experimentação. Este tempo – o barulhar – existe atraído pela intensidade de seu fluir no espaço sônico (LINO 2010, p.99).

Assim, as crianças não precisam de instrumentos musicais constituídos para barulhar. Investigam e experimentam as possibilidades sonoras que dispõem. No caso da Escola de Arte usam utensílios tais como: depósito de plástico, panela de alumínio, tampa de panela e os instrumentos clássicos de percussão. Elas encontram também na sua própria corporeidade – exemplo a cavidade bucal - e no mundo, outros objetos que manipulando produzem sonoridade. No dizer de Lino

⁴ Sustentação rítmica base para o espetáculo, agrupamento de percussão que fornece um referencial rítmico indispensável às toadas. Especificamente o temo refere-se ao grupo rítmico do Boi Diamante Negro da Escola de Arte Irmão Miguel de Pascale da Associação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso.

(2010) elas são verdadeiros luthiers⁵, pois sem pedir licença manipulam as variedades sonoras, distraíndo-se em encontrar na música o seu próprio ser.

Deste modo, a infância como condição da experiência humana barulha num tempo aiônico. Para explicitar esta compreensão faz-se necessário entender o conceito de tempo e sua relação com a infância. O primeiro é o tempo como chrónos - contínuo, sucessivo, consecutivo, repetido - o tempo medido próprio dos adultos. O outro é o tempo do kairós – tempo livre, de brincadeira marcada pela imaginação - Tempo da ação lúdica que tem fim em si mesmo. No mundo infantil, o tempo não possui sucessão, mas intensidade de duração (KOHAN, 2004, p.55 apud LINO, 2010, p. 100).

Segundo Bachelard (1988, p. 31 apud LINO, 2010, p. 100/102), são os momentos descontínuos que formam a duração, pois o descontínuo que é o natural, criativo e próximo do novo. Assim, o barulhar é a descontinuidade sonora, escuta o mundo e é sensível a poética do devaneio, como um tempo de admiração, de encantamento, de perplexibilidade dentro da pura imaginação.

Nesse contexto, o barulhar constitui-se como resultado de um movimento físico do corpo elástico no espaço, que é a condição para soar, mas também quando toca-se, ou toca o outro e no outro perceber-se como onda sonora que se constitui relações em movimentos sensíveis, ou melhor, uma excitabilidade sensorial, abertura para o mundo que liga o homem ao que está acontecendo entre ele e os demais homens.

Por isso acompanhar o trabalho de percussão com as crianças na Escola de Arte é compreender uma lógica que se estabelece entre eles. É perceber que o barulho chega ao limite do risco físico – alta sonoridade, o risco da pregnância de se verem envolvidos e provocados a escutar e, sobretudo, finalmente o risco da criação quando poeticamente inventam a música relacionada à festa do Boi.

Finalmente, observar as crianças e sua produção artístico-musical é buscar compreender a complexidade do espaço de entendimento e da pluralidade envolvida no barulhar infantil, que envolve diferentes campos científicos, inter-relacionando maneiras múltiplas de entender a potência poética das crianças. E a poética é, em simples linguagem, a metáfora para exteriorização de ser, ver e sentir-se no mundo.

“[...] quando a gente toca aqui a gente aprende. A gente inventa outros baques. Dá até para brincar com os colegas. Dá muita alegria na gente. As pessoas gostam de saber como é a Escolinha”.

O outro momento que nos chamou a atenção durante a observação da oficina de percussão na Escola de Arte foi o empenho e o orgulho com que as crianças falam do seu fazer artístico, de sua participação na Escola e fora dela, principalmente, na convivência com a comunidade externa.

Nessa perspectiva e escutando as crianças buscamos entender o que é cultura infantil e como as crianças podem ser geradoras das mesmas, pois conforme Quinteiro (2000) a escuta das vozes das crianças é condição *sine qua non* para o conhecimento das culturas infantis. Somente por meio de suas falas é possível penetrar em seu contexto social, perceber suas singularidades e suas características

⁵ Luthier ou lutier é um profissional especializado na construção e no reparo de instrumentos de corda com caixa de ressonância, mas não daqueles dotados de teclado. Isto inclui o violão, violinos, violas, violoncelos, contrabaixos, violas da gambae todo tipo de guitarras (acústica, elétrica, clássica), alaúdes, archilaúdes, tiorbas, e bandolins.

comuns. Estas características realçadas pela contemporaneidade através da sociologia da criança apresentam as crianças, como agentes ativos que constroem a própria cultura em relação diferente do mundo proposto pelo adulto. Porém, ao conceber o conceito de infância, o mesmo precisa ser entendido dentro de sua condição social, numa perspectiva histórica o que permite entender a infância como expressão cultural, que se expressa no modo como elas se organizam em diferentes sociedades permitindo compreender e descobrir a realidade social que emerge das interpretações infantis e dos diversos mundos pelos pequenos construídos.

Afirmar que a infância é outro, é concebê-la como alteridade na radicalidade de que tem plena autonomia. É dizer que é, nada mais nada menos, que a absoluta heterogeneidade em relação ao mundo dos adultos.

Desta forma observamos que as culturas das crianças apresentam-se como interatividade enquanto cultura de pares, isto é: 'um conjunto estável de actividades ou rotinas, artefatos, valores e ideias que as crianças produzem e partilham em interação com seus pares (CORSARO e EDER, 1990 apud SARMENTO, 2002). Tal concepção aparece manifestada na fala da criança "dá até para brincar com os colegas" (CORSARO e EDER, 1990 apud SARMENTO, 2002).

É a partir das culturas de pares que as crianças se apropriam, inventam e reproduzem o mundo que as rodeia numa relação de conveniência que permite afastar o medo, liberar a imaginação e vivenciar cenas do dia-a-dia que tem função terapêutica para destruir a negatividade experimentada em sua vivência. Podemos sentir essa carga de emoção enunciada pelas crianças nas palavras "dá muita alegria na gente." É a sensação de pertença ao grupo, de ser amigo e companheiros de atividades delimitando espaço e partilhando os rituais: "*As pessoas gostam de saber como é a Escolinha*".

Para as crianças a interatividade que se realiza nas culturas de pares encontra a sua maior expressão na ludicidade. Segundo Benjamin (1984, p.74 apud BERNARDES, [s/d], p.08) o brincar não pode ser considerado apenas como imitação da vida do adulto, e que a repetição constitui o fundamento do brincar, à medida que "o brincar outra vez" produz uma grande satisfação para a criança.

O jogo não é coisa somente de criança, mas constitui essência na natureza humana. Para as crianças brincar é fazer algo de significativo. É construir o mundo, ainda que no faz-de-conta. Desta forma não encontramos o dualismo entre o ócio e o negócio próprio da adultez. Brincar é a condição para aprender. É fazer cultura.

Considerações Finais

O indicativo desta pesquisa é perceber como é possível compreender a cultura infantil realizada em espaços não formais. O local onde se realizou foi a Escola de Arte Irmão Miguel de Pascale e apresentou um rico significado para a compreensão do tema. As crianças manifestaram em suas falas o que sentem enquanto participantes de grupo – cultura de pares. Porém, considerando os orientadores percebe-se uma acentuada tendência adultocêntrica. O que representa certa dificuldade em suscitar a autonomia da produção da cultura de crianças.

Ao observá-las, percebe-se em suas vozes um contexto de sociedade tradicional manifestada através das vivências da cultura cabocla. Também, percebem-se as influências do mundo pós-moderno nas relações sociais, políticas, culturais,

econômicas e tecnológicas que assolam a identidade do ser criança, vivendo a infância na região amazônica.

As crianças, enquanto participantes da oficina, revelam o desejo de conhecer mais profundamente o que fazem e manifestam o desejo de alcançar sucesso igual aos alcançados pelos itens oficiais do Boi Caprichoso. É a presença do marketing influenciando o universo infantil.

As crianças fazendo uso do imaginário incorporam conhecimentos, reconstruem saberes através de instrumentos, de ritmos, da compreensão de ser grupo e, acima de tudo, em viver com alteridade, criando condições para as possibilidades de aprendizagens.

Finalmente, podemos dizer que as crianças constroem seus espaços educativos, reencontram a sua vocação primordial - lugar onde se constituem pela atividade cultural em seres dotados de direitos, de participação cidadã no espaço comum onde se realizam como pessoa através do brincar.

Referências

BERNARDES, E.L. **Os jogos, as brincadeiras e as crianças**. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss14_05.pdf>. Acesso em: maio de 2012.

CAPRICHOSO 2011 - O Boi de Parintins. **A magia que encanta**: Roteiro de apresentação Festival 2011. Parintins.

CARVALHO, L.D. Infância, brincadeira e cultura. In: **Horizonte**, v. 27, nº. 2, p. 37 – 46, jul/dez. 2009.

CORTELINI, C.M. **Culturas infantis**: as marcas de uma alteridade. Disponível em: <www.guaiba.ulbra.tche.br/pesquisa/2007pedagogia.html>. Acesso em: maio de 2012.

FREITAS, E.M.C. **O gesto musical nos métodos de percussão afro-brasileiro**. Tese de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais / Escola de Música. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LINO, D.L. **Barulhar**: a escuta sensível da música nas culturas da infância. Tese Doutoral. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRS, 2008.

_____. Música, pesquisa e infância: cantorias do repente. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, vol. 18, nº 2, p. 92 – 112, jul/dez, 2010.

MORAES, C. **Eu Te Amo Caprichoso**. In: Caprichoso 2012. O Canto da Floresta. CD. Parintins, 2010.

NAKANOME, E. Fundação Boi Bumbá Caprichoso: A Fábrica de Sonhos. In: **Caprichoso 2011 - O Boi de Parintins**. A Magia que Encanta: roteiro de apresentação Festival 2011. Parintins.

NORONHA, E.L. **As crianças perambulantes-trabalhadoras, trabalhadoras-perambulantes nas feiras de Manaus**: um olhar a partir da Sociologia da Infância. Universidade do Minho - Repositorium. Tese de Doutorado em Estudo da Criança- Sociologia da Infância (2010). Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13180/1/Evelyn%20Lauria%20Noronha.pdf>>. Acessado em: 20 de janeiro, 2012.

PINTO, M.M.L. **Educação Ambiental e turismo na cidade de Parintins**: um estudo de caso na Escola de Arte Irmão Miguel de Pascale da Fundação Boi-bumbá Caprichoso, 2010. Trabalho de conclusão de curso apresentado no Centro de Estudos Superiores de Parintins – UEA, para a obtenção do título de Especialista em Turismo e Desenvolvimento Local.

QUINTEIRO, J. **Infância e Escola**: uma relação marcada por preconceitos. Tese Doutoral. Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2000.

SARMENTO, M.J. Imaginário e cultura da infância. In: **Projeto as marcas dos tempos**: a interculturalidade nas culturas da infância. Projeto POCTI/49186/2002. Financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Disponível em: <www.titosena.faed.udesc.br/infancia/culturainfancia.pdf>. Acesso em: maio de 2012.

VASCONCELLOS, V.M.R; SARMENTO, M.J. (Org.). **Infância (In)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin editores, 2007.